

Este é mais um livro da série “Fundamentos” que a Editora Ática vem realizando. O seu autor é uma autora, a Prof^ª Edith Pimentel Pinto, da Universidade de São Paulo, que já de algum tempo vem contribuindo com obras indispensáveis para o melhor conhecimento da língua portuguesa no Brasil.

Quando se fala em língua popular, pensa-se logo na sua forma oral. E assim tem sido. Os estudos dialectológicos se voltam sistematicamente para a falta inculta, e não nos esqueçamos de que um dos mais notáveis pesquisadores desse campo, o franco-suíço Jules Gilliéron, havido como o pai da Geografia Lingüística, dava preferência, para a seleção do informante, ao analfabeto. No entanto a língua popular não é apenas do analfabeto, mas também do semi-analfabeto, isto é, do imperfeitamente alfabetizado. Se assim não fora, como estariam desfalcadas as “fontes” do latim vulgar!

A Prof^ª Edith Pimentel Pinto começa agora a explorar esse veio praticamente intato. Podemos acompanhá-la através dos seguintes capítulos: Pressupostos técnicos, A língua literária, Uma língua veicular, Uma língua comprometida. Completa o elenco uma Bibliografia comentada.

Eis alguns exemplos de desvios do padrão culto, colhidos no capítulo “Uma língua comprometida”: *a sim, con tigo, escreve-sse, mespere, mais oumeno, poriso* (gráficos); *bacanérrima, gamar, legal, necas, paquerar, transar* (grfria); *estou lhe esperando, simpatizei-o, cabelos preto, escrevo esta linhas, tenho sete irmão* (sintáticos).

Qualquer um de nós tem vivido essa experiência, mas não temos sabido aproveitá-la. Há poucos dias, p. ex., li isto no vidro traseiro de uma kombi: *amaçando*. Há ignorância do uso correto de um sinal ortográfico e, curiosamente, a mesma indecisão já apontada por Fernão de Oliveira, no séc. XVI, em relação ao *i* e *e* átonos quando primeiras vogais de um hiato. Pois o venerando gramático aconselhava que se escrevesse *gloreia, memorea*; e ainda por cima punha cedilha no *c* quando seguido de *e* ou *i*...

A messe é abundante.

Vê-se que o filão é pujante. Que não falem garimpeiros!

Sílvia Elia

PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa – Metodologia e funções*. São Paulo, Ática, 198 (248 p.) – Série Básica Universtária.

A recente publicação da *Sintaxe portuguesa – Metodologia e funções*, de Mário A. Perini, não só vem preencher uma lacuna em nossos estudos lingüístico-gramaticais, como também procura estabelecer as necessárias relações dialéticas entre técnicas da Lingüística moderna e a nossa tradição gramatical. A obra divide-se em quatro longos capítulos, intitulados, respectivamente: “Descrição, traços distintivos e protótipos”, “Funções sintáticas na oração”, “Funções de nível suboracional” e “A oração complexa”.

O autor fixa-se na estrutura de superfície e privilegia os critérios formais. Para o segundo capítulo – “Funções sintáticas na oração” –, os traços formais selecionados são: concordância verbal, anteposição, possibilidade para um determinado termo de ser retomado por (*o*) *que / quem*, cliticização, posição do auxiliar e posição obrigatória antes do núcleo do predicado.

No que se refere às funções de nível suboracional, os critérios são marcadamente distribucionais: Perini considera que no sintagma nominal máximo podem ocorrer um predeterminante, um determinante, um possessivo, um quantificador, um pré-núcleo, um núcleo e um modificador, nessa ordem, respectivamente.